



imagens

COMPANHIA  
DO GESTO 



**H**oje vi pessoas numa repartição pública, esperando. Sentadas num banco, olhares perdidos, rostos inexpressivos ou tristes, uns separados de todos, a vida passando ao largo. De repente, um ator começa uma brincadeira. Os sorrisos começam tímidos, incrédulos, e aos poucos rostos vão ganhando vida, corpos se animam, pessoas se tornando gente de novo. A vida de volta.

Palhaços de hospital estão tornando-se uma tradição. O reconhecimento da importância de seu trabalho é unânime, em muitos países. No hospital estão crianças e famílias a quem a vida corroeu grande parte de suas almas: pelo sofrimento, pela anomia, pela opressão de procedimentos e pela frieza preponderante em relações onde a técnica é sobrevalorizada e o contato humano ainda é muito precário. Através do riso e da brincadeira, estes atores trazem a alegria de volta, rompem a rigidez e a sisudez reinante, aliviam medos, reconstroem capacidades e abrem possibilidades para pessoas destituídas de todo poder.

O Rir é Viver, projeto dos atores palhaços da Companhia do Gesto, foi mais longe na sua ousadia. Procuraram as pessoas mais marginalizadas em nossa sociedade: asilados, abrigados. Moradores de rua, idosos, que tornaram-se invisíveis às suas famílias e à sociedade. E, em última instância, invisíveis a si mesmos. E aplicaram ali a sua sofisticada tecnologia humana: sorriso, alegria, atenção, respeito, diálogo. E mais: transgrediram radicalmente ao oferecer a estas pessoas práticas como meditação, técnicas de respiração e outros trabalhos corporais, normalmente só acessíveis a classes ricas e pessoas antenadas. Idosos e desabrigados não apenas sorriem, mas participam, se envolvem, atuam, se cuidam.



Companhia do Gesto

# Rir é viver

## Imagens

Fotos de Bruno Poppe e Celso Pereira

1a edição

COMPANHIA  
DO GESTO 

Rio de Janeiro  
Companhia do Gesto  
2010



## Catálogo

Rir é Viver – Imagens, 2007/2010

### Fotografia

Bruno Poppe e Celso Pereira

### Curadoria de Imagens

Ana Carina e Luís Igreja

### Edição de Conteúdo e Imagens

Ana Carina e Luís Igreja

### Tratamento de imagens

Celso Pereira

### Projeto Gráfico e Diagramação

Marina Boechat

### Revisão

Ana Carina

### Aquarelas

Pedro Igreja

## Rir é Viver

### Direção Geral

Luís Igreja

### Coordenação de Produção

Ana Carina

### Coprodução

Zucca Produções

### Espetáculos

A Menor Máscara do Mundo

Toska Prappùrdia

Cláun! Palhaços Mudos

Grand Circo Sem Lona de um Homem Só

Maria Eugênia

### Elenco

Ademir de Souza, Ana Carina, Andrea Neri, Cecília Ripoll, Luís Igreja, Patrícia Ubeda e Tania Gollnick

### Música e Sonoplastia (Maria Eugênia)

Antonio Paoli

### Técnico

Marcelo Rodrigues, André Dedéu

### Oficinas

Luís Igreja

### Assistentes de oficina

Ana Carina e Tania Gollnick

### Controladoria e Gerência de Comunicação

Zucca Produções

### Equipe Zucca

Júlio Augusto Zucca, Gisela de Castro, Anna Ladeira, Luiza Carino, Samara Henriques e Jéssica Araujo

### Assessoria de Imprensa

Júlia Cruz

### Vídeo - 7 Seco Filmes

Pedro Duarte (Câmera e edição)

### Câmera (depoimentos)

Aloízio Gomes

### Edição

Bruno Fochi

### Fotógrafos

Bruno Poppe e Celso Pereira

### Identidade Visual Gráfica

Marina Boechat | Estúdio Realejo

### Site

Marina Boechat, André Malheiro e Erica Jung | Estúdio Realejo

### Instituições

Centro de Acolhimento Cristo Redentor  
Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira  
Centro de Acolhimento Ayrton Senna  
Hospital Municipal Raphael de Paula Souza  
Centro de Acolhimento Floriano Lemos  
Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (INTO)  
Centro de Acolhimento Raul Seixas  
Centro de Acolhimento Stella Maris  
Amparo Thereza Christina

### Parceiros

Zucca Produções, 7 Seco Filmes, Vinnyl 69 Produções e Estúdio Realejo

### Patrocínio

Opportunity

### Realização

Companhia do Gesto

## Agradecimentos

A toda a equipe do Opportunity que acreditou no Rir é Viver. À Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro e toda a equipe, nossos parceiros de riso. Carlos Augusto de Araújo Jorge, Ana Telles, todos os diretores e equipes dos abrigos Maria Teresa Vieira, Ayrton Senna, Casa do Alto, Raul Seixas, Plínio Marcos, Casa do Catete e Stella Maris, especialmente Maria Domingas, Adriana, Alice, Juliana e Valéria. Às equipes e direção do abrigo Cristo Redentor, especialmente à Marlise, Betinha, Ana Luíza; Ana Sylvia, Lobélia e Isabel. Ao Amparo Thereza Christina, Graça, sua equipe e voluntários. À comissão de humanização, toda a equipe e direção do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (INTO), especialmente à Dra. Fátima Alves. À equipe do Hospital Municipal Raphael de Paula e Souza, em especial ao Dr. Alexandre Milagres. À equipe do Teatro Laura Alvim. Camila Lima (Pinel). Ao Julio Augusto, à Gisela e às meninas da Zucca – Anna Ladeira, Luiza Carino, Samara e Jessica, um obrigado especialíssimo. Anacris Monteiro, Leila, Júlia Cruz, Pedro Duarte, Nathalie, Bruno Fochi, Vinícius Longo e Luanda, Oyama, Marcelo Rodrigues, André Pateta, Dedéu, Cacá Dias, Marina, a todos os amigos que acreditaram e construíram o Rir é Viver integrando nossa equipe. Ao Dr. Daniel Becker; Marília Rocha, Vanessa Matos, e todos os parceiros e pessoas que acreditaram e ajudaram na realização desse projeto. A nossas famílias, pelo apoio que nos permite continuar acreditando. A todos os idosos, crianças, adolescentes, homens, mulheres, pacientes, acompanhantes, funcionários, educadores, assessores, assistentes, médicos, maqueiros, enfermeiros, mães, pais, enfim, todas as pessoas que riram, choraram e voltaram à infância conosco em cada espetáculo, em cada encontro. Muito obrigado!

---

Rir é Viver – Imagens / Companhia do Gesto; com fotos de Bruno Poppe e Celso Pereira. – Rio de Janeiro: Companhia do Gesto, 2010.

80p, 130 il.

1. Teatro. 2 Fotografia de teatro. 3. Arte social. 4. Palhaços em hospitais e abrigos–

Rio de Janeiro, Brasil.

ISBN 978-85-63940-00-1

---



# Apresentação

O catálogo de fotos e pequenas histórias que você tem em mãos é fruto da dedicação de nossa equipe e do desejo de dividir o que vivenciamos nos locais por onde passamos nos dois primeiros anos do Rir é Viver. A escolha das fotos nos levou a um incrível retorno no tempo.

Rever cada uma das imagens nos fez entender que o que mais desejamos é mesmo encontrar com pessoas, com quem, de outra forma, jamais cruzaríamos em nossas vidas. E que cada um desses encontros é valioso, pois a cada espetáculo ou a cada oficina todos saem transformados de seus estados cotidianos – nós, artistas; e eles, público.

O desejo de cruzar fronteiras sócio-culturais e de partilhar momentos sensíveis e francos vem de longa data. Esses dois anos na verdade somam quinze anos. E somente se faz possível pelo poder de aproximação do palhaço. A história começa mais ou menos assim: eu aguardava numa pequenina sala de um hospital. Não me recordo se em Bonsucesso, Méier ou na Mangueira. Informaram que o nosso espetáculo só poderia ser apresentado cerca de uma hora depois do previsto. Todos decidiram aguardar, mas eu, pronto que estava como palhaço, decidi caminhar pelo hospital. O nariz vermelho funcionava como um passaporte que me permitia livre acesso a qualquer lugar. Percorri a pediatria, cruzei enfermarias, ambulatórios repletos de pessoas que se surpreendiam ao encontrar com um palhaço. Silencioso e excitado pela perigosa e delicada liberdade do momento. Lembro dos divertidos encontros naquele jogo de improviso. Aliás, palhaço àquela época por aqui era coisa de picadeiro e circo: cruzar com um na rua, era impensável. Num corredor de hospital, então, inimaginável, impossível!

Mas eu estava lá. Casualmente cheguei à geriatria e, para a maior das surpresas, meu caminho foi transformado por amáveis encontros. A liberdade relacionada ao estado puro da criança que tanto procurávamos em exercícios nas salas de ensaio, oficinas e apresentações de espetáculo, se apresentava ali diante dos meus olhos: latente, todinha para mim. Paquerei, me casei, apostei corrida, queda de braço, furei filas... rimos juntos de uma vida tão séria, que quando vista por um novo prisma se torna risível.

Naquele dia a apresentação do espetáculo tinha sido cancelada, mas um novo caminho foi aberto em minha mente. O ano era de 1994 ou 95 e, sem que eu imaginasse, surgia ali a primeira centelha do projeto Rir é Viver.

O espetáculo “E aí?...” se transformou em “Cláun! Palhaços Mudos” e, mais maduros, percorremos diversos hospitais da rede municipal carioca, com ênfase nas unidades psiquiátricas. Esse novo mundo levava meu olhar para ainda mais longe, para além das possibilidades do palco.



O tempo passou e Gulu Monteiro, meu parceiro de cena da época, foi viver nos Estados Unidos e França; eu, com espetáculo solo de palhaço, fui para estrada, percorrendo da Califórnia a Pequim. E Dácio Lima, primeiro diretor da Companhia do Gesto, veio a falecer.

De volta ao Brasil e sem os antigos parceiros, uma nova história da Companhia do Gesto começava a ser escrita, dividida entre o palco e o desejo de encontrar diretamente com o público, onde quer ele estivesse.

Com Ana Carina e Tania Gollnick criamos uma versão feminina de "Cláun! Palhaços Mudos", com a volta de Ademir de Souza para a companhia, encenamos "Maria Eugênia" e "A Margem", com os três e Cecília Ripoll criamos "A Menor Máscara do Mundo". Recentemente, com a entrada de Andréa Neri e Patrícia Ubeda, criamos o working progress "Toska Prappùrdia".

Um novo núcleo de criação pouco a pouco foi escrevendo essa nova história do gesto, realizando com outros parceiros diversos projetos. Com chegada da Zucca Produções criamos as condições para o surgimento e manutenção do Rir é Viver, o que possibilitou a aproximação da Sete Secco filmes, do Estúdio Realejo, da jornalista Júlia Cruz, da Vinnyl 69 produções, e dos fotógrafos Celso Pereira e Bruno Poppe, que com seus olhares sensíveis nos presentearam com esses instantes registrados que nem sempre temos distanciamento ou possibilidade de perceber em sua dimensão de beleza.

O Rir é viver nasce do desejo de criarmos encontros e de transformar realidades. Atua em asilos, abrigos de população de rua, orfanatos e hospitais. Leva os espetáculos do repertório da Companhia do Gesto para as pessoas atendidas pelos locais em que passamos, e oficinas de sensibilização da convivência para os funcionários de cada um desses espaços.

O projeto é realizado com recursos da Lei Rouanet aproximando a iniciativa privada das instituições sociais por meio da cultura, possibilitando também que uma equipe formada por artistas, técnicos e produtores possam realizar um trabalho continuado de interferência como cidadãos, numa cidade que nossos olhos nem sempre costumam ver.

Com imenso carinho dedicamos essa pequena jóia a todos aqueles que participaram direta ou indiretamente de cada etapa do Rir é Viver. E convidamos você, que vai percorrer com os olhos as páginas a seguir e nelas partilhar instantâneos de vida, a também participar da construção de um mundo mais

**delicado.**

**Luís Igreja**  
Diretor e ator



## Quando comecei

a trabalhar no projeto Rir é Viver, tudo era novo pra mim. Nunca tinha ido a um asilo, hospital, abrigo ou orfanato para realizar um trabalho de documentação fotográfica. Não sabia muito bem o que iria encontrar, e qual o impacto que este novo tipo de convivência traria para a minha vida.

Meu primeiro trabalho foi no Abrigo Cristo Redentor, onde pude presenciar uma realidade que até então passara despercebida. Travei contato com pessoas que possuem, além da idade avançada, uma carência afetiva que só aqueles que nutrem por eles verdadeiro amor podem suprir, e que, na maioria das vezes, já não estão mais lá.

Dentro destas pessoas, crianças e idosos, principalmente, existe um balão sempre na iminência de ser estourado, que os faz querer se emocionar e ter de volta uma alegria que fica embaçada pela dura realidade de suas histórias.

Mesmo não subindo ao palco, emocionei-me por poder quebrar suas rotinas, e ver as enrijecidas articulações do rosto se moverem, para expressar um sorriso que há muito tempo não havia razão de ser.

Vi alguns olhos brilharem e lacrimejarem, resgatando qualquer coisa que havia de bom em algum momento de suas vidas, e que pelas circunstâncias, acabam guardadas num cantinho de suas memórias.

Vi um processo de cura sem remédios. Vi que a endorfina, enfim, teve motivo para mais uma vez circular pelo sangue daqueles cujos dias são iguais, sem motivação ou novidades. Experimentei a ótima sensação de documentar um trabalho que certamente deixará uma marca positiva na vida de todos os envolvidos.

Mesmo que breve, naqueles dias de trabalho, naqueles momentos, o encontro com palhaços fez com que todos resgassem o objetivo mais importante que pode haver para qualquer um que vive: a alegria.

**Bruno Poppe**  
Fotógrafo

## Este caminho

que a fotografia me leva a buscar pela melhor luz e ângulo sobre as vidas artísticas ou não. De apontar o olhar, contemplar (ver) um enquadramento de um fragmento mágico do tempo, congelando assim, o movimento expressivo de alguma coisa, sempre me ascendeu à atenção de mergulhar na cena presente. É quase um momento hipnótico.

Os caminhos desta expressão fotográfica, você escolhe por alguma afinidade com o tema, ou talvez, o caminho de um tema é que te escolhe pelas circunstâncias (ou destino) da sua alma.

Enfim, reflito isto porque (por sorte ou destino), eu e o circo-teatro nos esbarramos por volta do início da década de 90. Digo que nos encontramos num momento de renascimento desta arte de tradição tão milenar no mundo. Sem a pretensão de ser um dos poucos (raros) fotógrafos a estar neste momento de documentar um importante renascimento deste movimento artístico.

E nestas andanças de mãos dadas, tive a oportunidade e alegria luminosa de fotografar esta manifestação artística em suas várias linguagens humanamente fantásticas por todos estes anos.

Numas destas veredas sinuosas circenses encontrei Luis Igreja com a Companhia do Gesto querendo levar o ato do riso como um instrumento de cura no seu modo mais abrangente para várias instituições. Então acompanhei atuação do Gesto em espaços como hospitais, abrigos e casas de anciões no município do Rio de Janeiro.

Além das oficinas terapêuticas, vivenciadas pelos seus funcionários, vários espetáculos e andanças pelos seus salões, corredores e leitos, eram oferecidos como receitas fundamentais de doses de riso, recomendados por seus diretores e médicos. Tentando nobremente, resgatar, lembrar, questionar, brincar e exercitar, desopilando nossos entraves, o que é possível através do sorriso sincero da nossa alma.

Através deste convite da trupe, para fotografar o projeto Rir é Viver, me ofereceram a oportunidade de conhecer, compartilhar, e claro, guardar estes momentos de aprendizado humano de atividade, incrivelmente transformadora para todos, o que inclui toda equipe coesa envolvida neste projeto prazeroso, resultando neste documento visual.

Mostrar a minha contemplação do Rir é Viver é reviver esta história de bons gestos.

Grato a todos os palhaços (que refletem dentro de nós).

**Celso Pereira**  
Fotógrafo









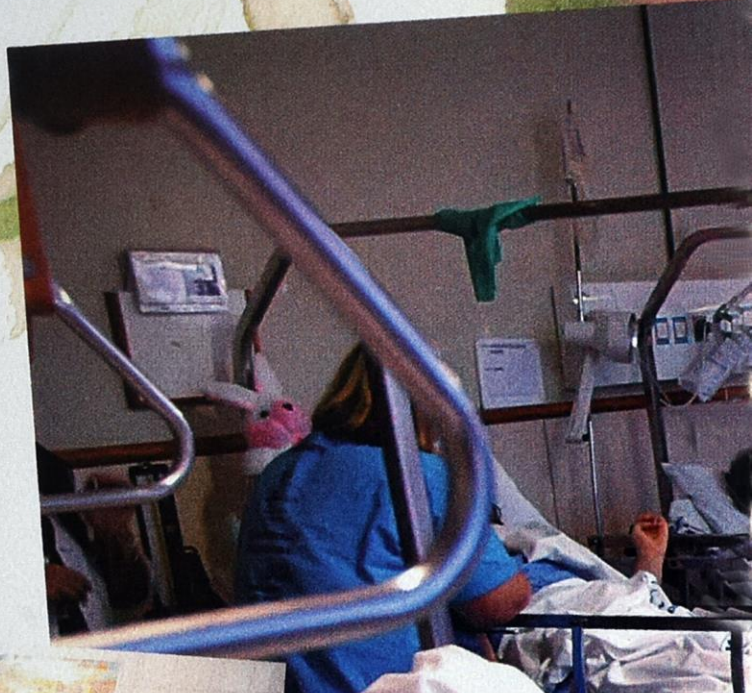


















“Um grupo ligado ao teatro, ao riso, a uma expressão que às vezes fala de coisas tão profundas e até dolorosas, mas consegue fazer isso de uma forma leve. Esse tipo de iniciativa é fundamental para que a gente possa encarar a vida com força, mas também com delicadeza. Quando conseguimos perceber a diversidade de histórias e de pessoas que se encontram nesses centros de acolhimento e saímos daquela visão ideal de que isso só pode acontecer com o outro, e não com a gente; quando a gente percebe a capacidade de superação que essas pessoas têm, de crença, de esperança numa sociedade que pouco fez para garantir essa esperança a elas. Isso traduzido de uma forma plástica, bonita, interessante, pode ser uma revolução. Pode ser a capacidade de a gente, de fato, construir

**uma sociedade**

**que não é de iguais,**

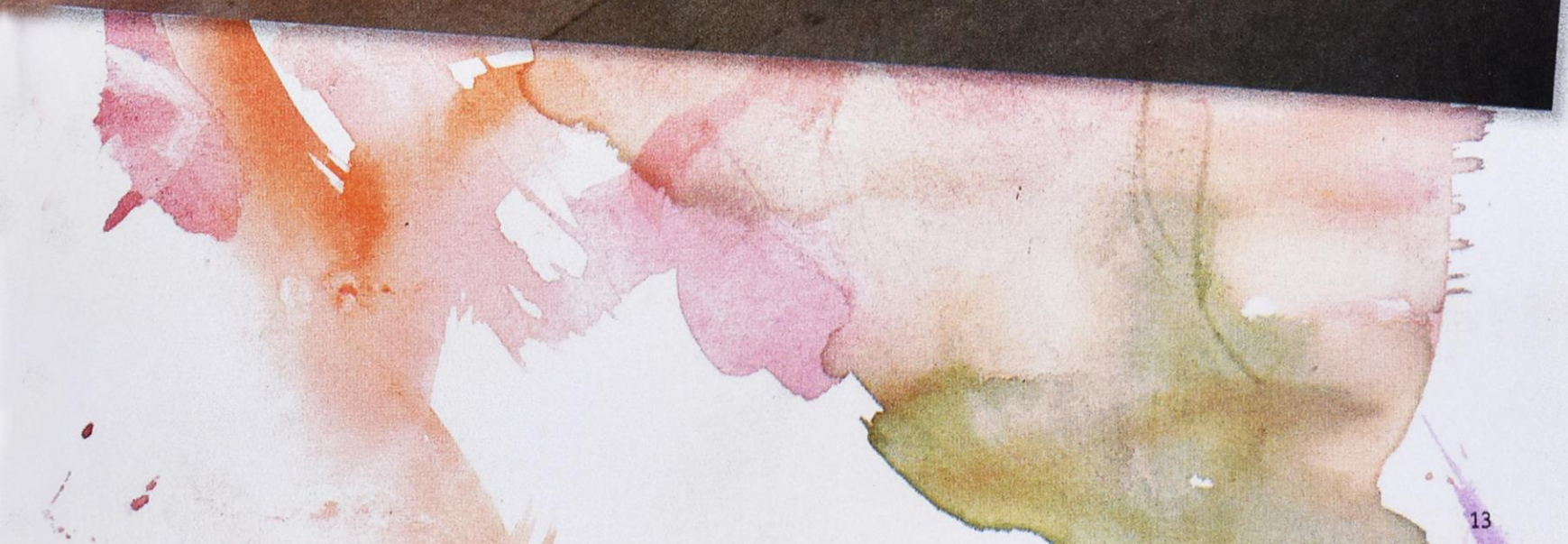
**é sempre de diferentes.”**



**Marília Rocha**

Subsecretaria de proteção especial  
Rio de Janeiro, 2007





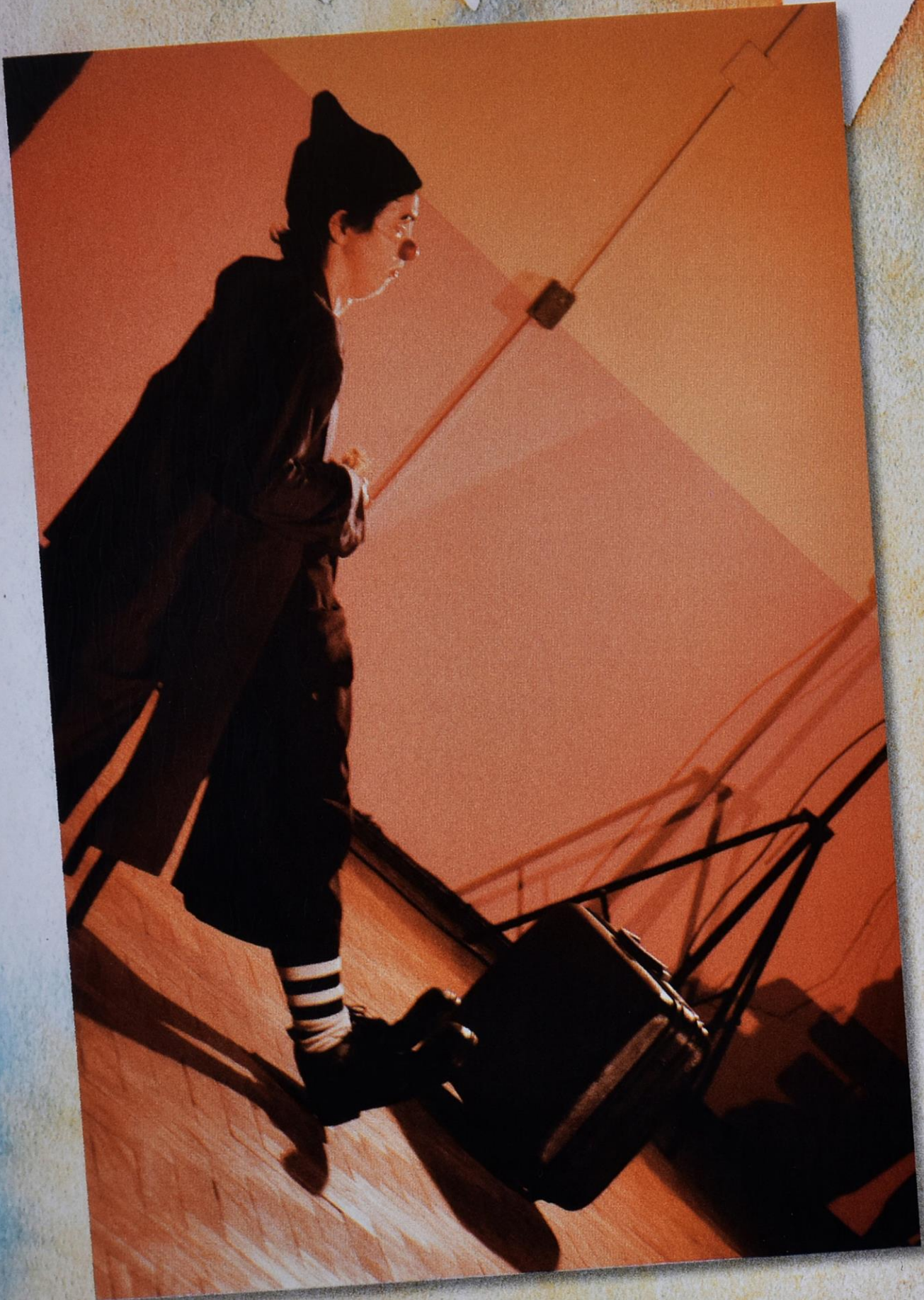




















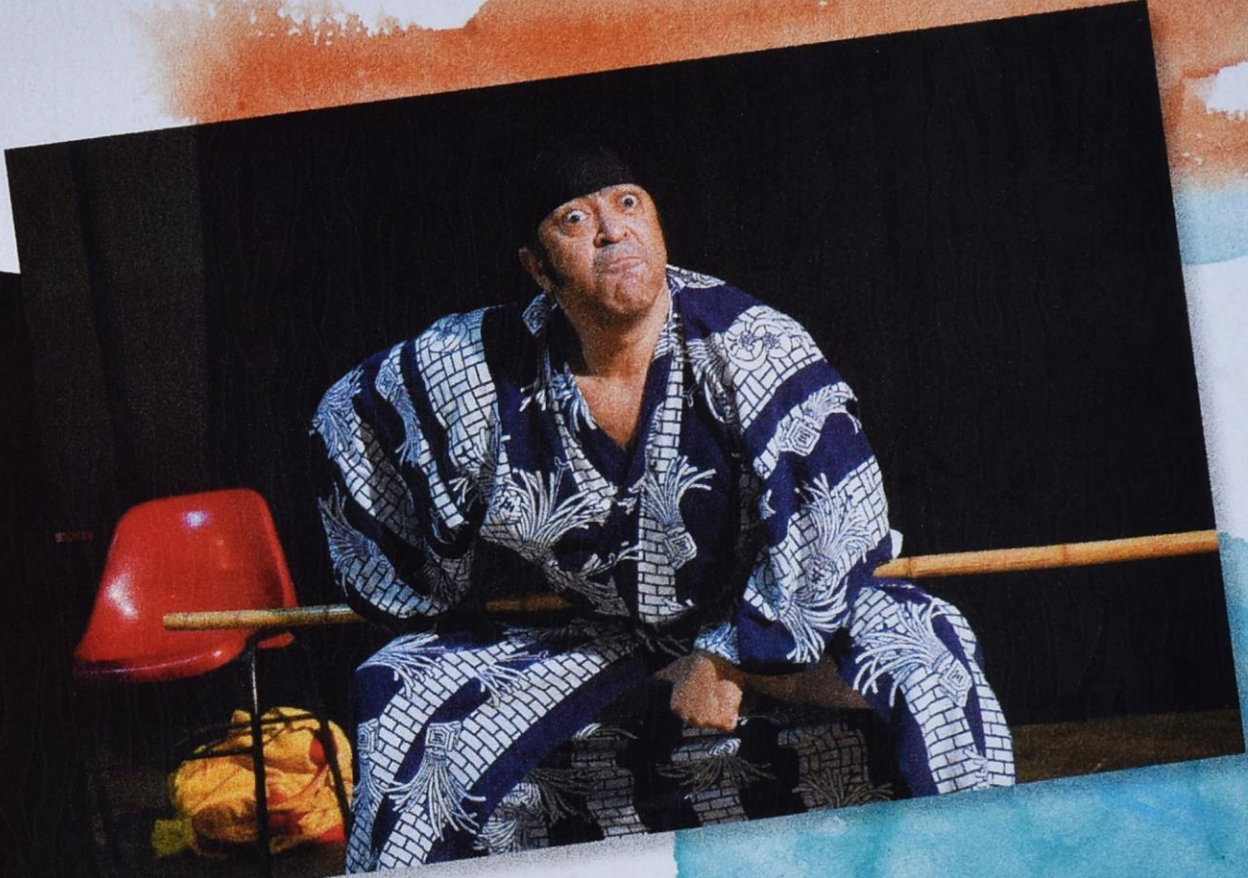












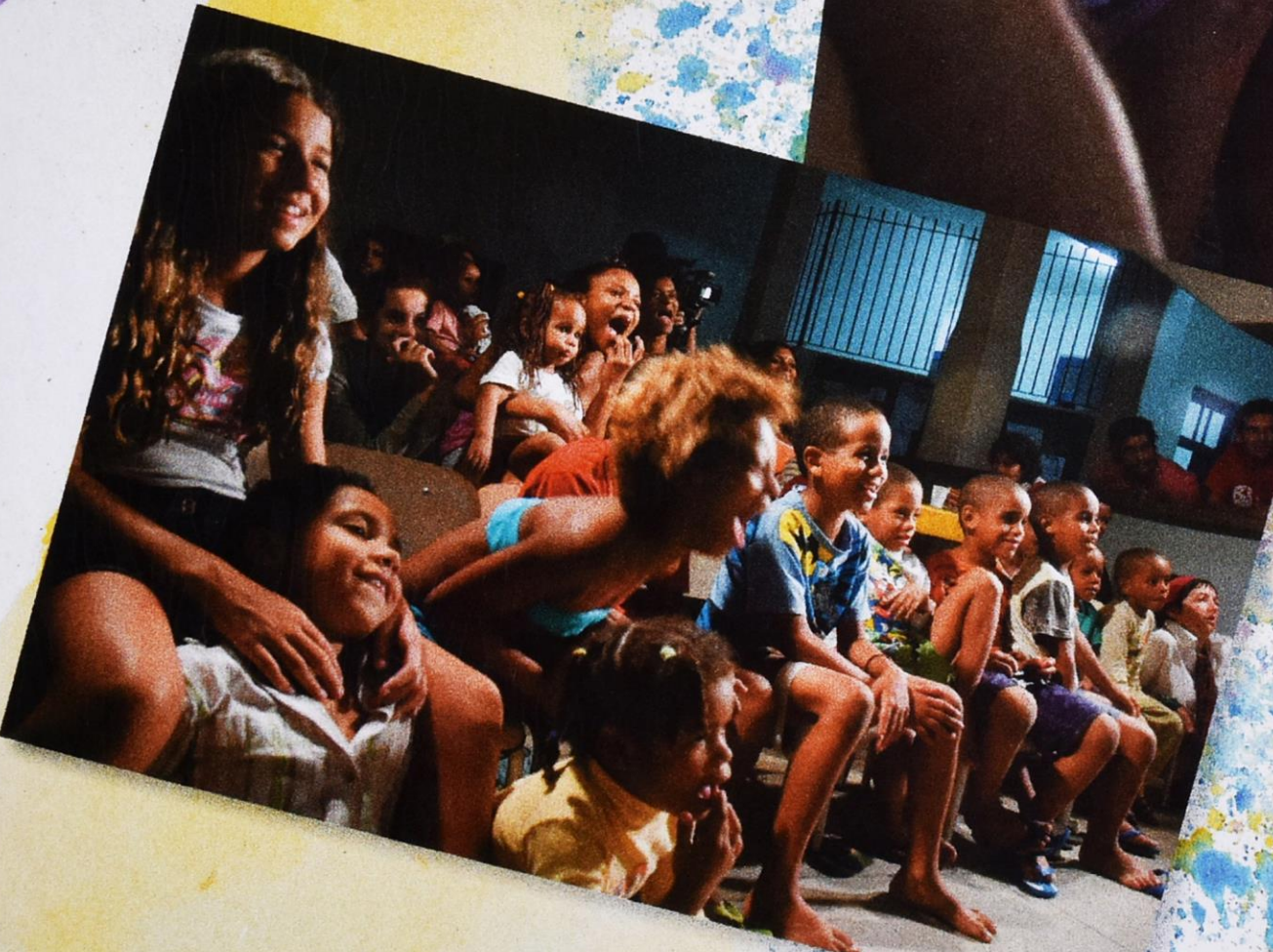


















# Accounteeri





# assim:

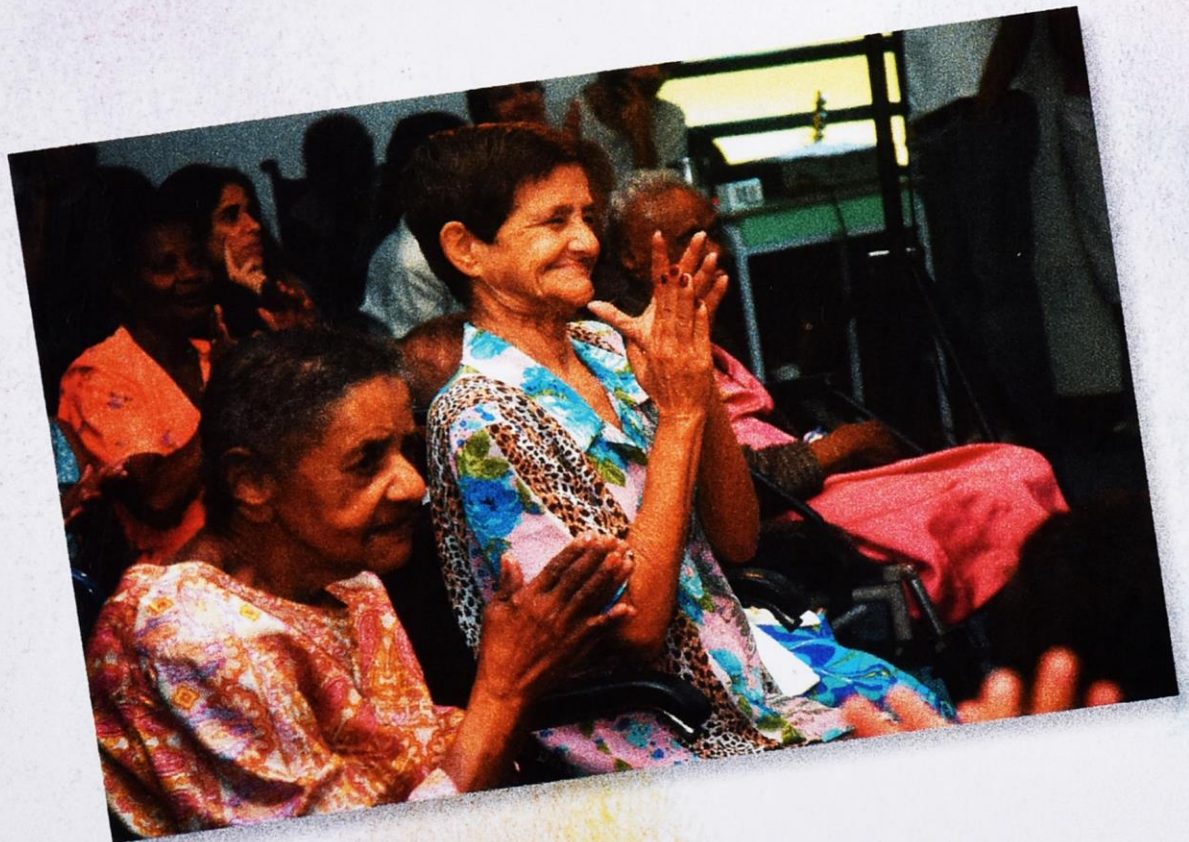


Logo de cara, na primeira semana, andávamos pelo abrigo como se fôssemos velhos conhecidos. Nos sentíamos assim, em casa. Comecei a tratar cada um como quem é. Importa para mim saber de cada um deles. "Qual o seu nome?" era a primeira pergunta e a que mais repeti em cada um dos lugares onde chegávamos.

As respostas eu me lembro, em rostos e sorrisos, às vezes em surpresa: Darci, Marluce, Araci de Almeida, Manoel, Pedro, Luiza, Betinha, Adriana, Oswaldo, Cacilda, Paulo Roberto, Maria Domingas, Vanessa, Cláudio, Carol, Jéssica Israel, Ana, Valéria, Galdina, Olga, Maria de Jesus, Carlos Alberto, Jorge, Maria Lúcia, Mônica, André, Emília, Sonia "Maria Joana", Odilon, Elza, Maria das Graças, Marcelo, Carmem, José Corrêa, Áureo, Deuza, Luís, Alexandre, Fátima, Mariza, Carolina, Jaílson, Lobélia, Antônio, Augusto, Camila, Ana Sílvia, Josefa, Alice, Marlise, Marília, Rafael, Maria José, Renata, Juliana, Gabriela, Tadeu, Mônica, Bárbara, Marcus Honório, Davi, Norberto, Sueli, Verônica, Fabiana, Juvenildo, Robson, Rosângela, Luciana, Benedito, Vilma, Sebastião, Jorge, Júlio, Noemia... Muito prazer!

**Ana Carina**  
Atriz e produtora

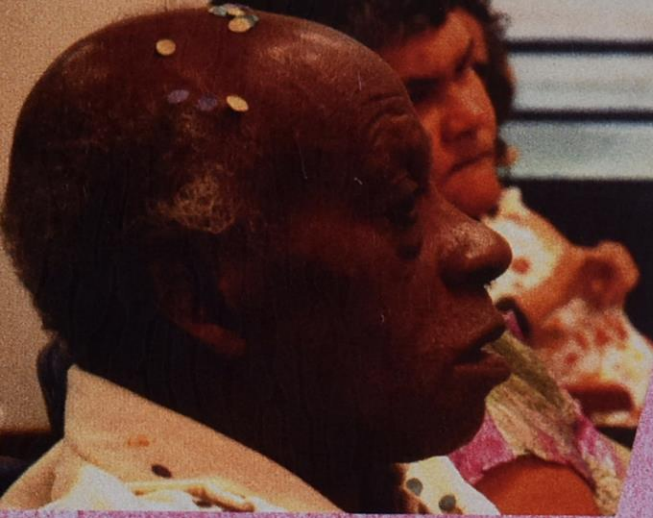






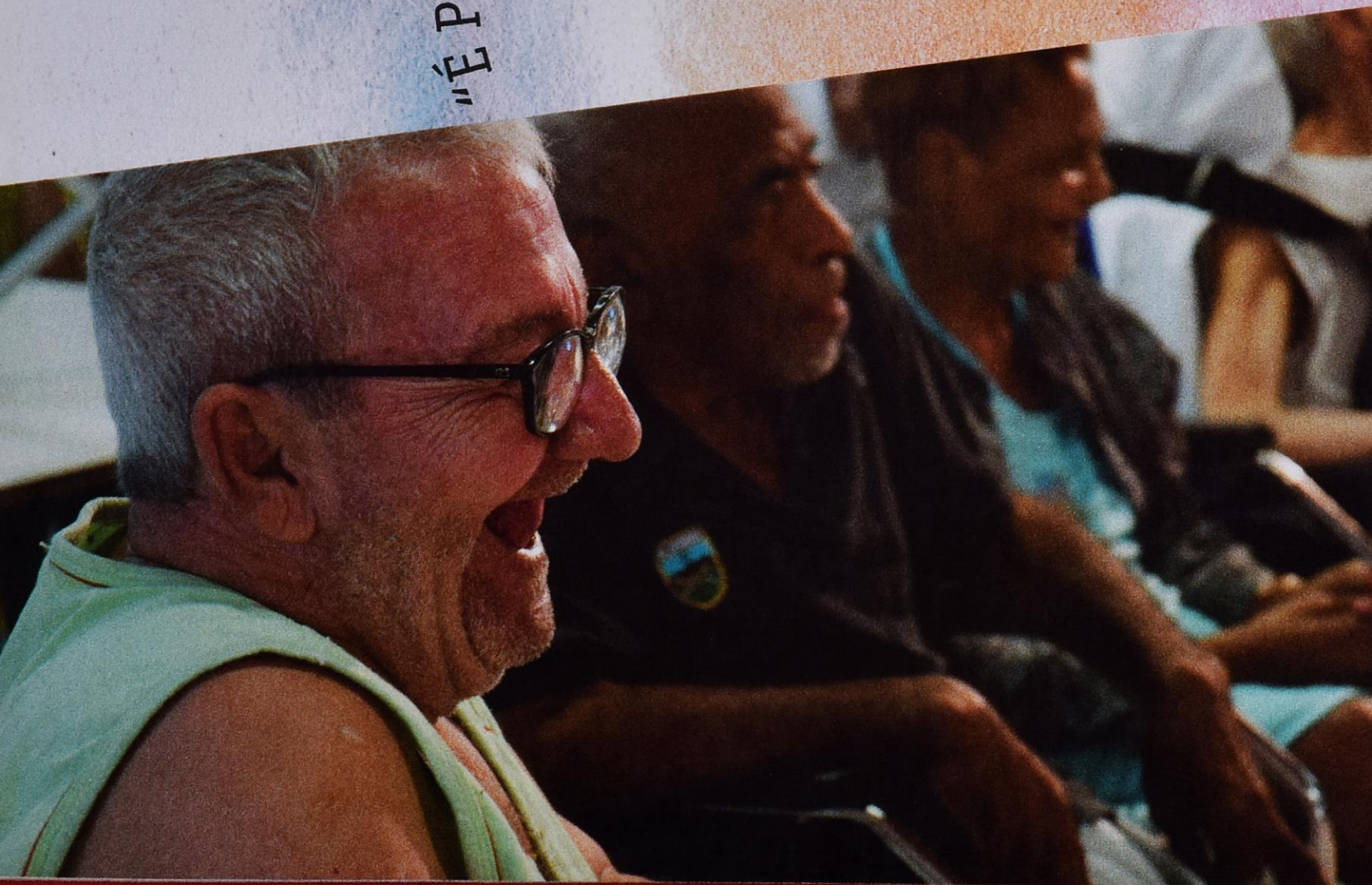






"É Paulo Roberto.  
Mas pode me chamar de

**Pablito"**





"É que eu

gosto muito

de sorrir", ela disse.

Nós também gostamos muito do seu sorriso, dona Araci.





Elas são uma **força coletiva**. No primeiro encontro-espetáculo, a força era uma reunião de vetores eufóricos em todas as direções, vozes e vontades. E nós ali, no pátio, palhaços do silêncio diante delas. Primeiro ganhamos a atenção pelo inusitado, depois veio confiança e diversão, por fim, a cumplicidade. As crianças do Maria Teresa foram, espetáculo a espetáculo, se assenhorando do que de novo lhes era apresentado: teatro. Em nossa despedida, seus olhares, risos, mentes e vontades estavam concentrados nos palhaços e nas cenas, e nós estávamos entregues a elas. Recebemos um presente: pudemos fazer parte daquela força.

**Ana Carina**  
Atriz e produtora







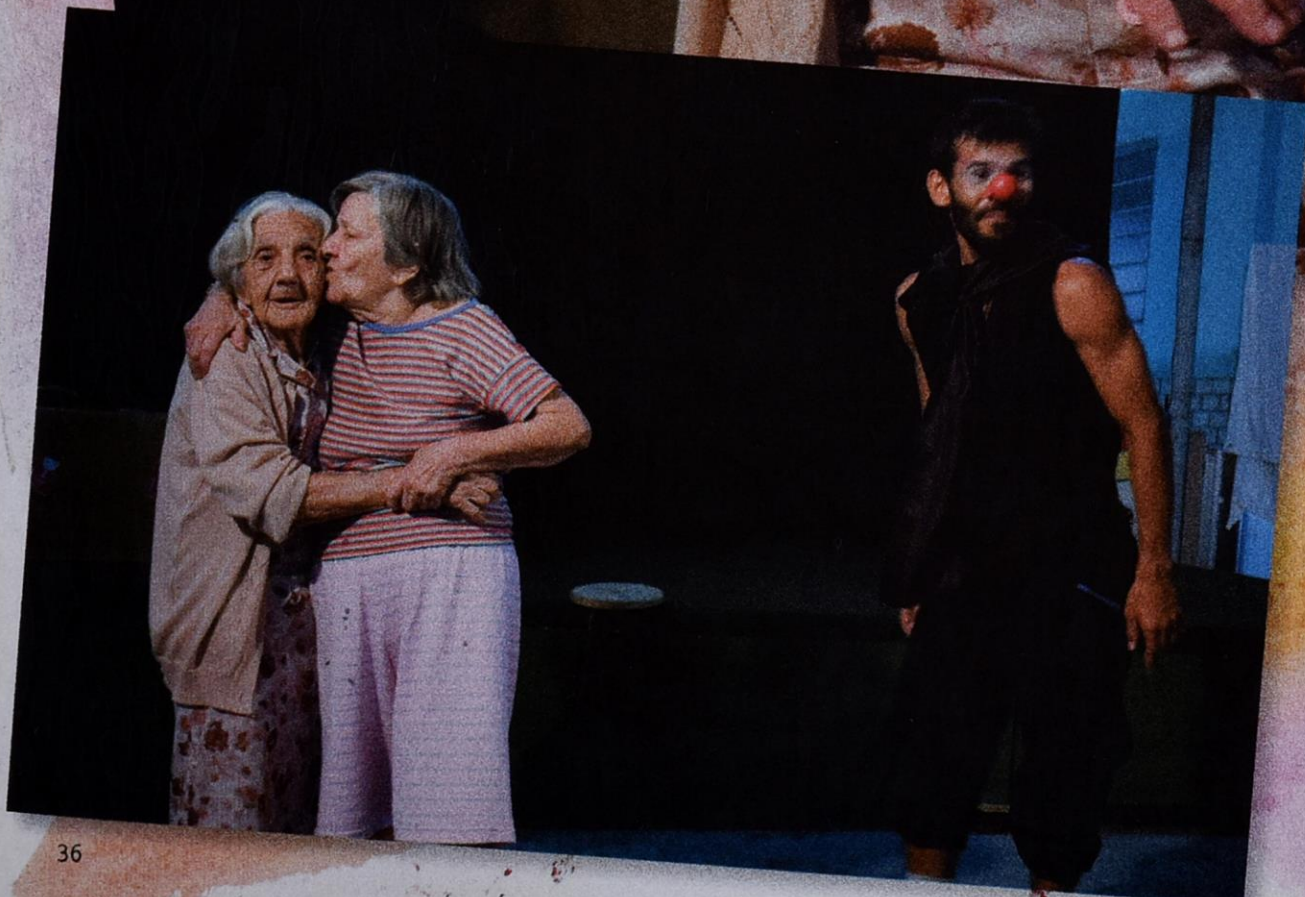
















No primeiro dia, D. Emília tomou conta da cena dançando muito antes que os palhaços entrassem no palco. E fez questão de explicar:

-Tenho 93 anos. Meu marido dizia que eu ia me acabar dançando assim. Ele já foi faz tempo, e eu estou aqui: dançando!

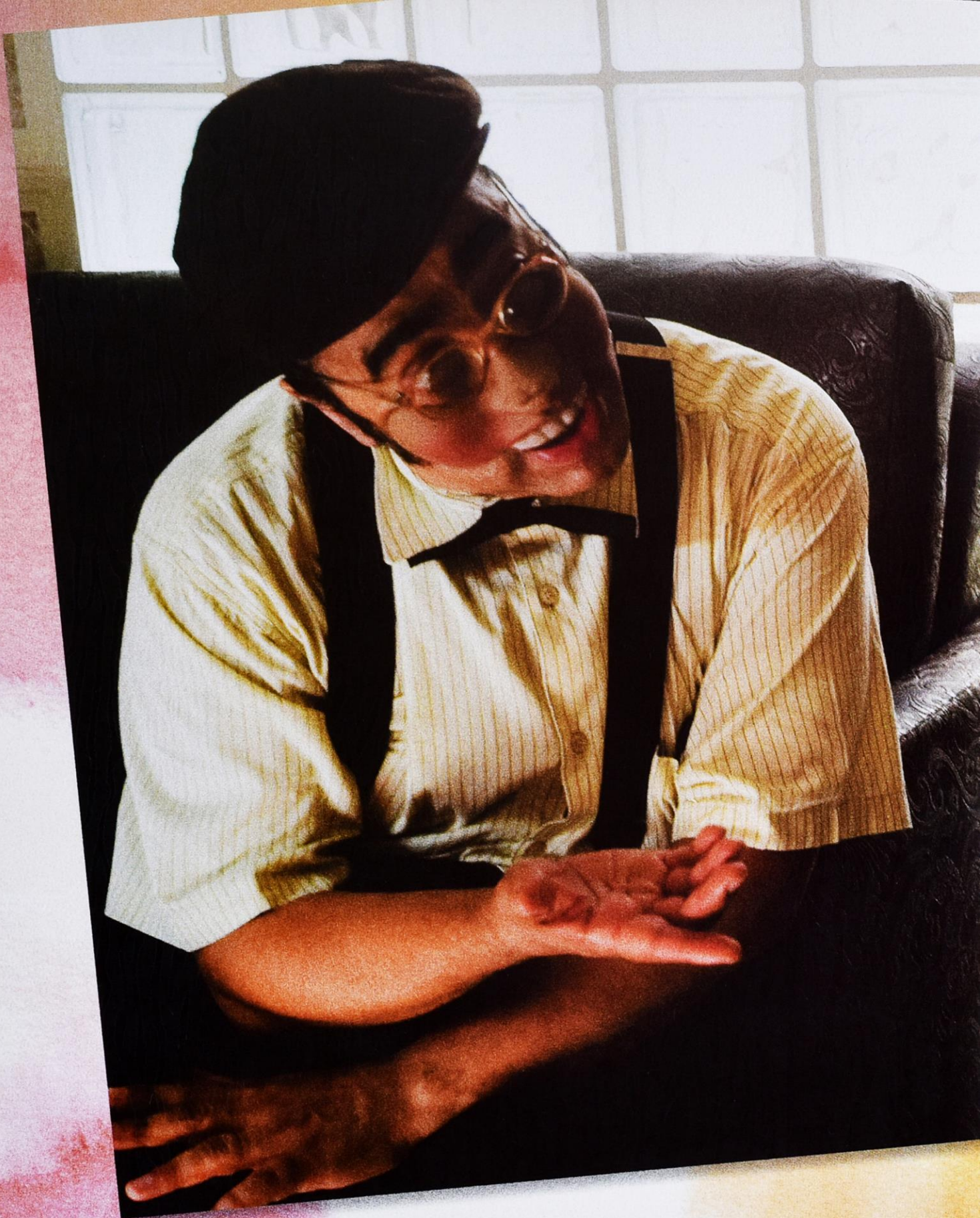
E seguiu seus pés,

# valsando.

**Luís Igreja**  
Diretor e ator

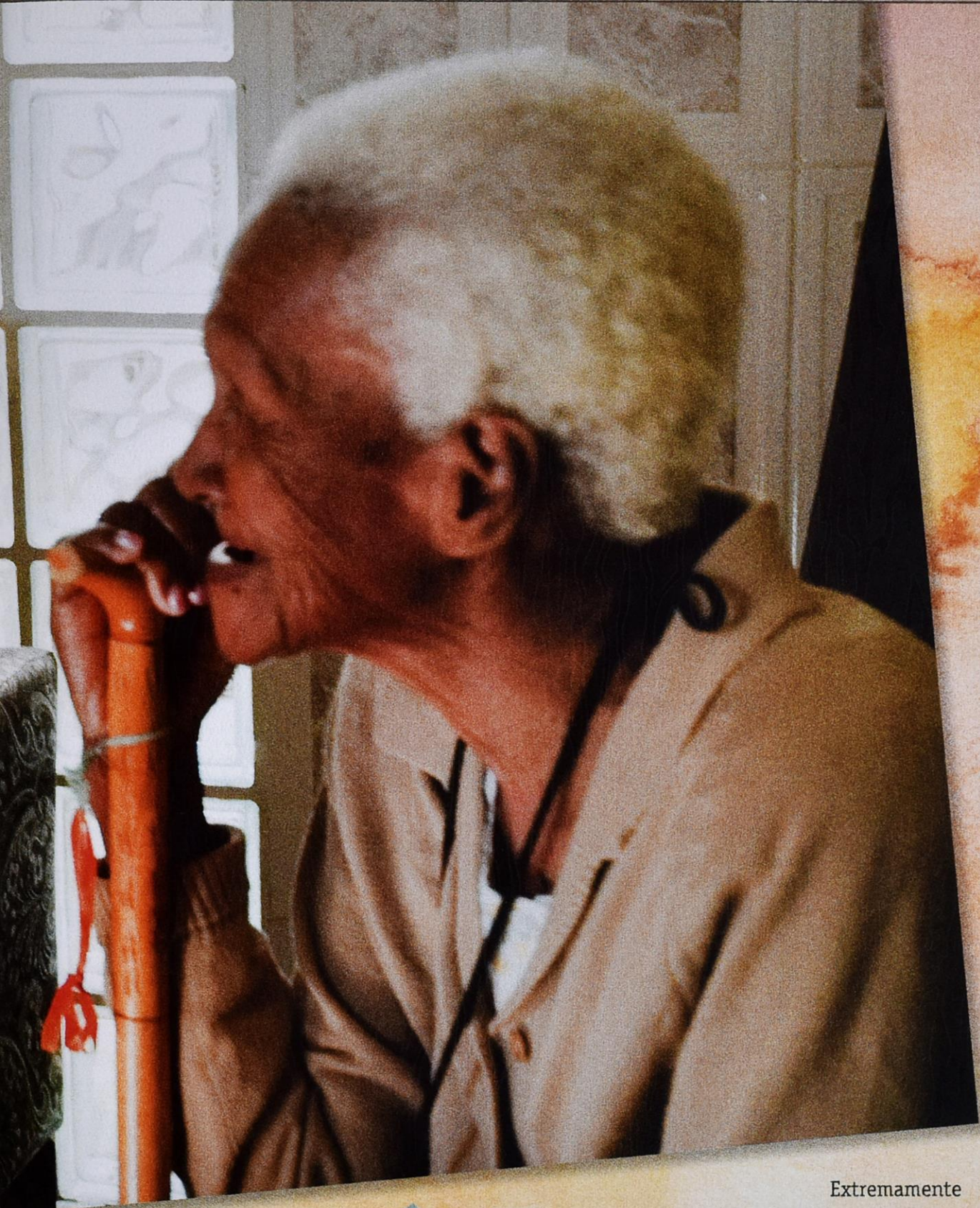






Somos seres





incríveis!

Extremamente frágeis e incrivelmente adaptáveis às mais diversas circunstâncias. Percebi em cada um desses lugares por onde passamos as minhas mais íntimas possibilidades de vida. É como se eu estivesse diante de mim mesmo numa destas alternativas quânticas de realidade...”

**Ademir de Souza**  
Ator



- Mãe, não quero.
- Filho, vamos ver o teatrinho, vai ser bom para você.
- Mãe, não quero.
- Mas filho...
- Não vou, mãe.

O palhaço, que só observava, diz:

- Deixa mãe. Eu já estava indo embora, mesmo. Só vou pegar meu carro que tá estacionado ali ao lado do seu, tá bom?!

# VRRR

**Luís Igreja**  
Diretor e ator

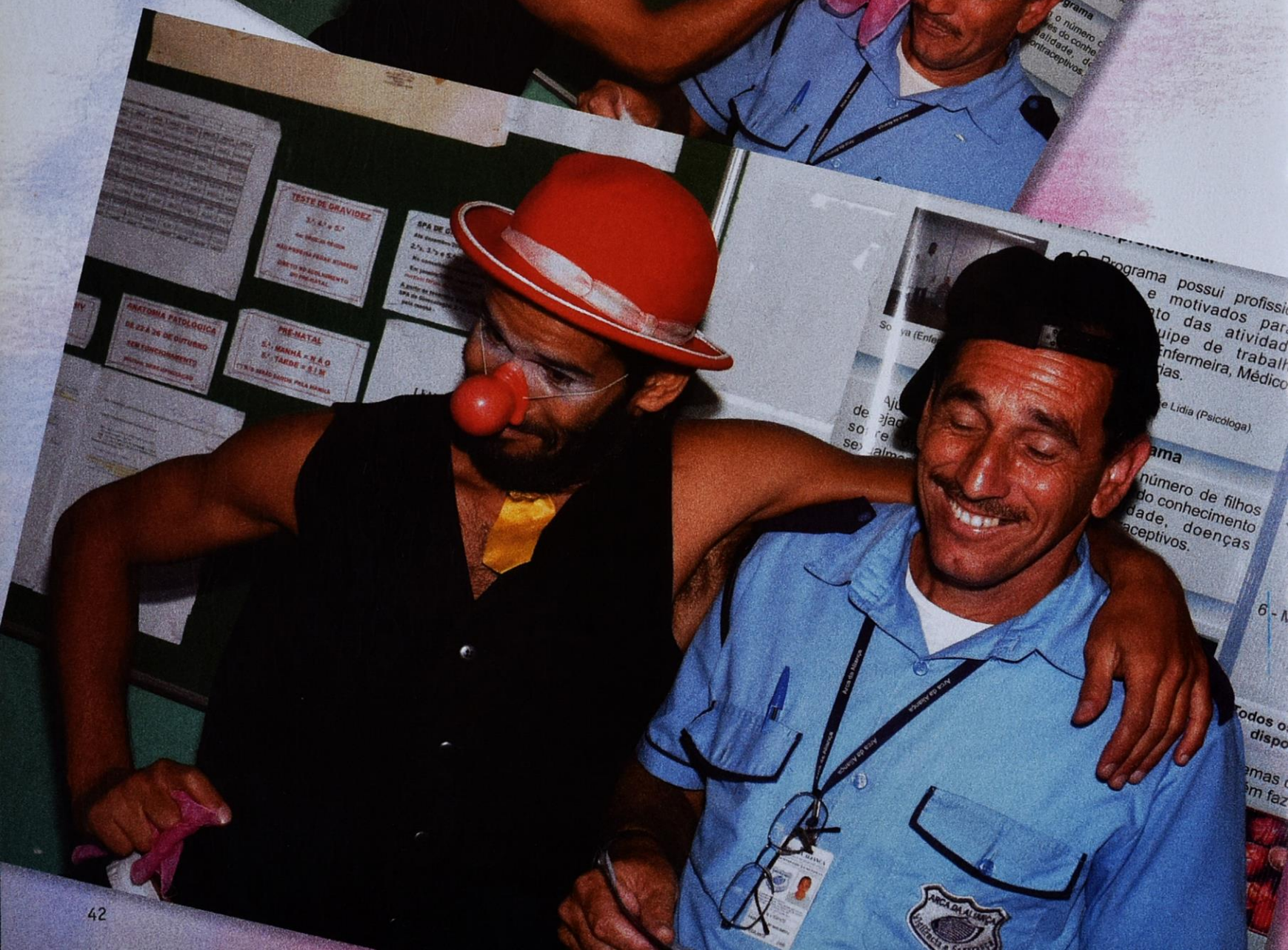
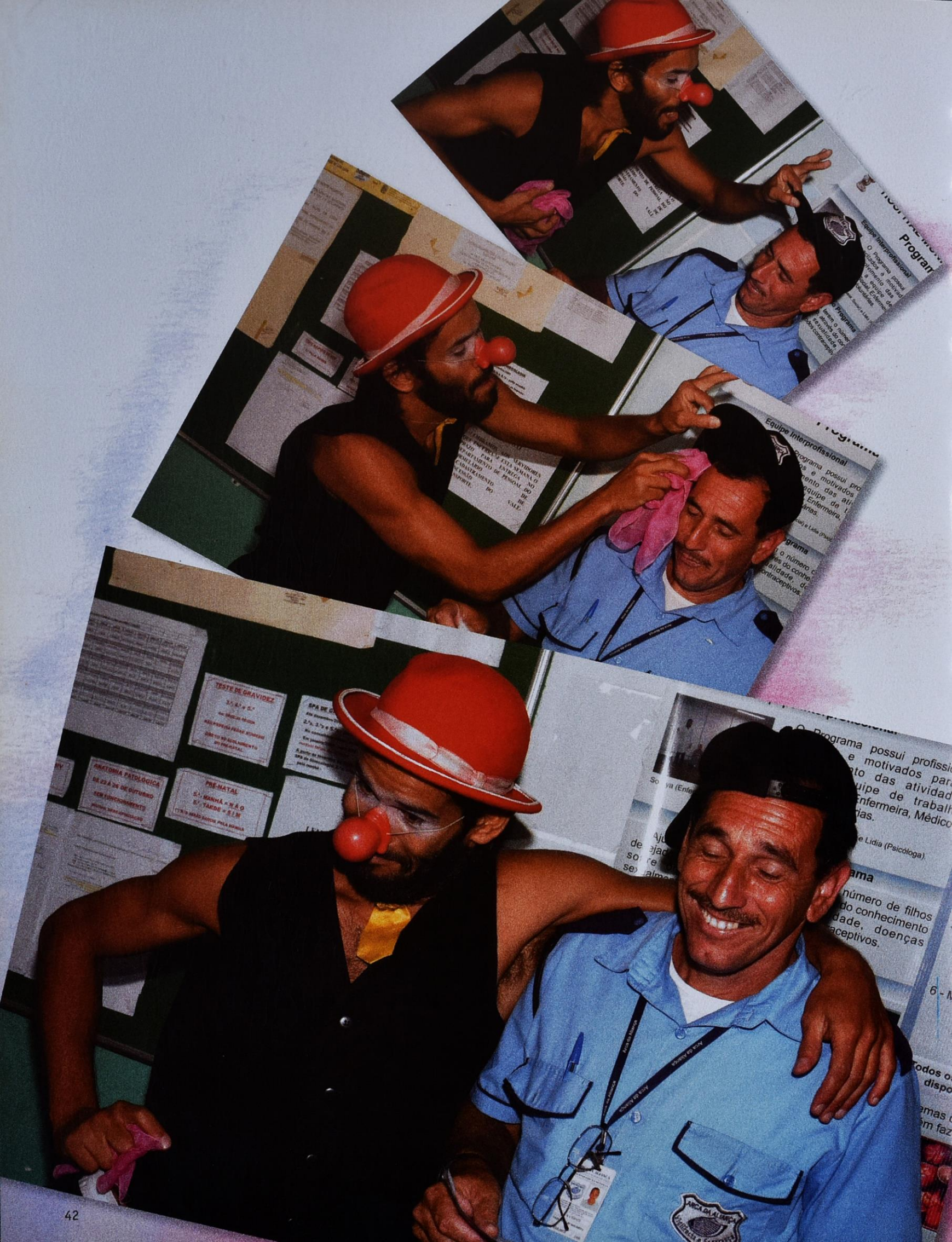




UMMM!











U - IREU  
Présen  
Femil  
Métor  
(D









- Gosta de Palhaço?
- Nem tanto. Não sou chegada a palhaço.
- Mas viu todos os espetáculos!
- Sei lá. Acho que perdi o trauma.

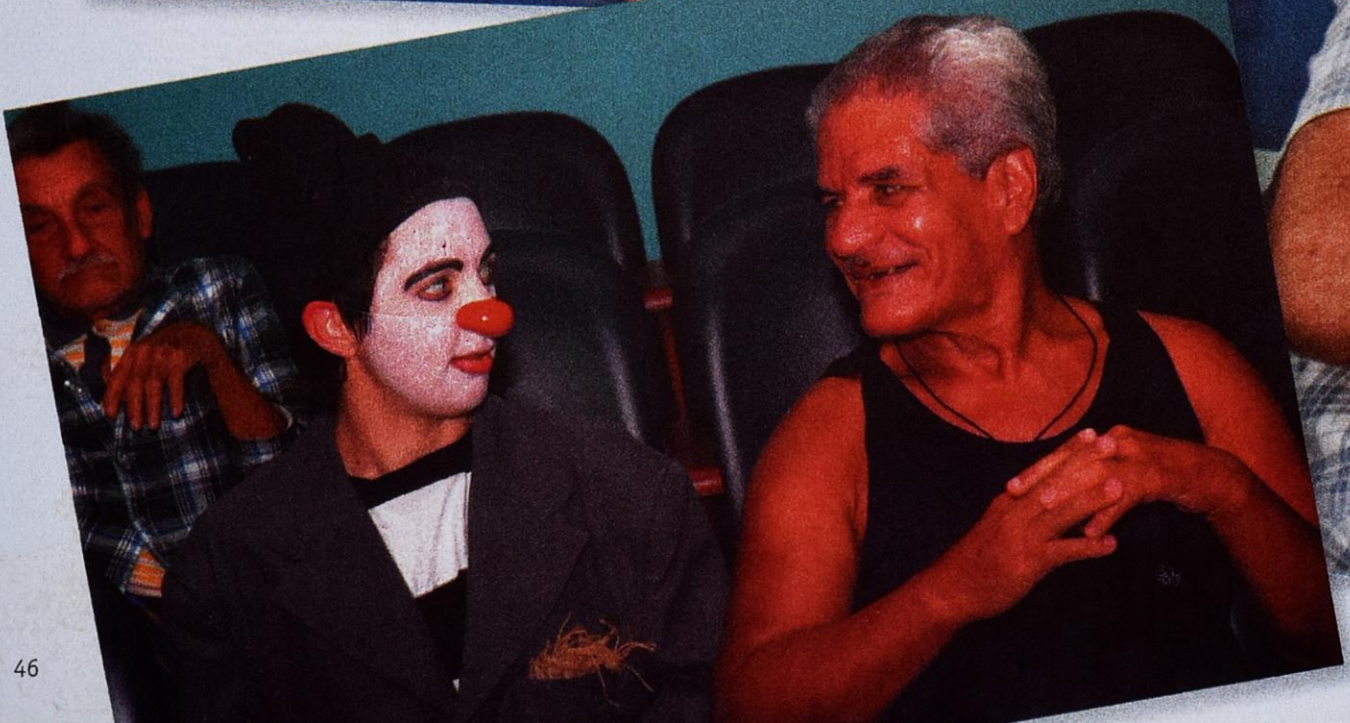
## - Você tinha trauma de palhaço?!

- Desde criança. Fui criada num orfanato. Aí teve um circo que a gente foi e eu tive um acidente. Por isso eu não gostava, nunca gostei...
- Mas agora gostou e riu?
- (sorrindo) Acabei rindo. Curei do trauma.
- Você está grávida?
- De gêmeos.
- Vão chegar gostando de palhaço...
- Não! Vão chegar gostando do Vasco. (Risos)

Dois anos depois, Ariana ainda estava no Abrigo Maria Teresa com seu casal de filhos gêmeos. Assistiu novamente a todos os espetáculos com as crianças, que gostaram dos palhaços. Riram muito, juntos.

**Ariana Cabral**  
Moradora do Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2007





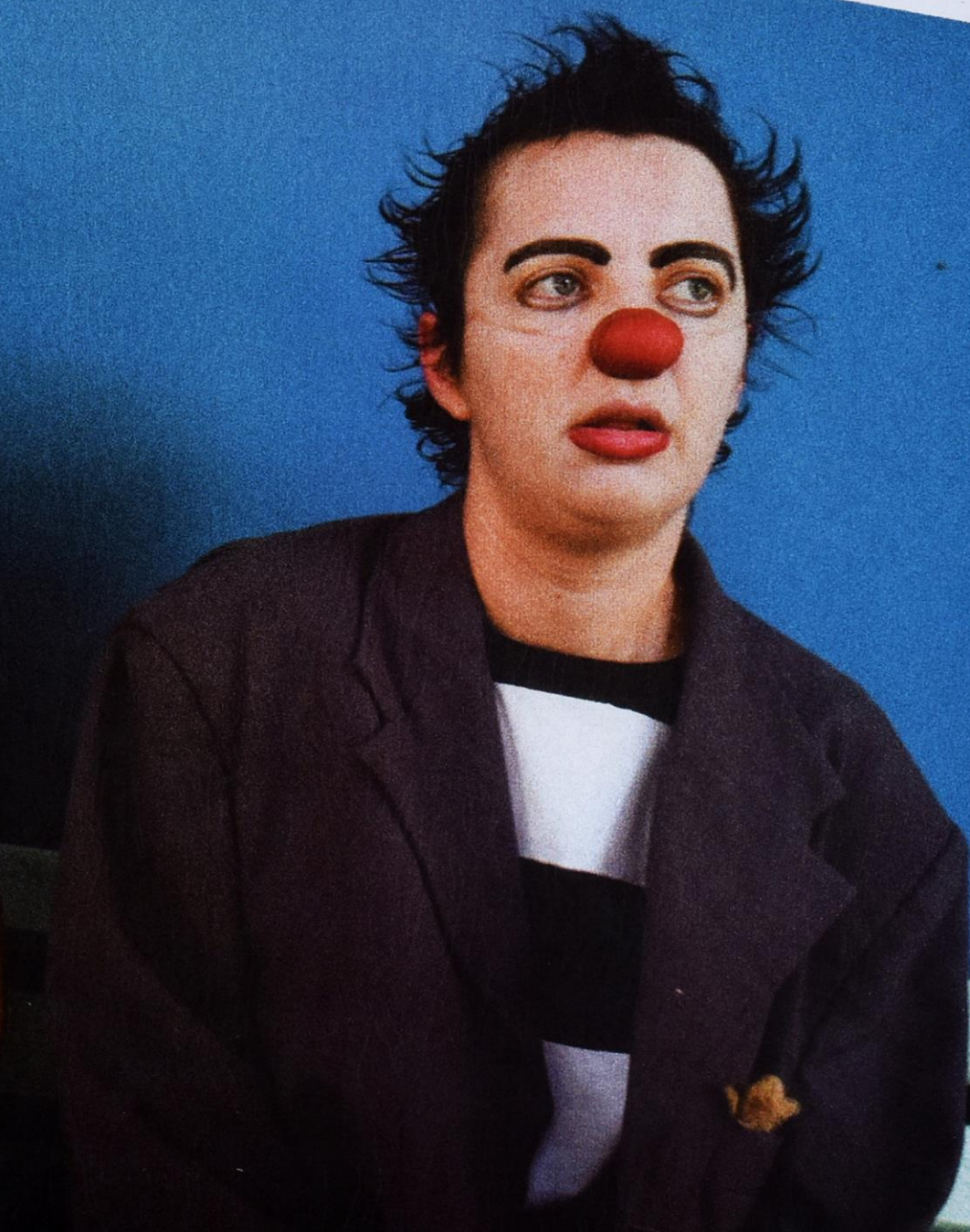


" É chato chegar  
A um objetivo

# num instante

Eu quero viver  
Nessa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião  
Formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião  
Formada sobre tudo  
Sobre o que é o amor  
Sobre o que eu nem sei quem sou."

**Raul Seixas**





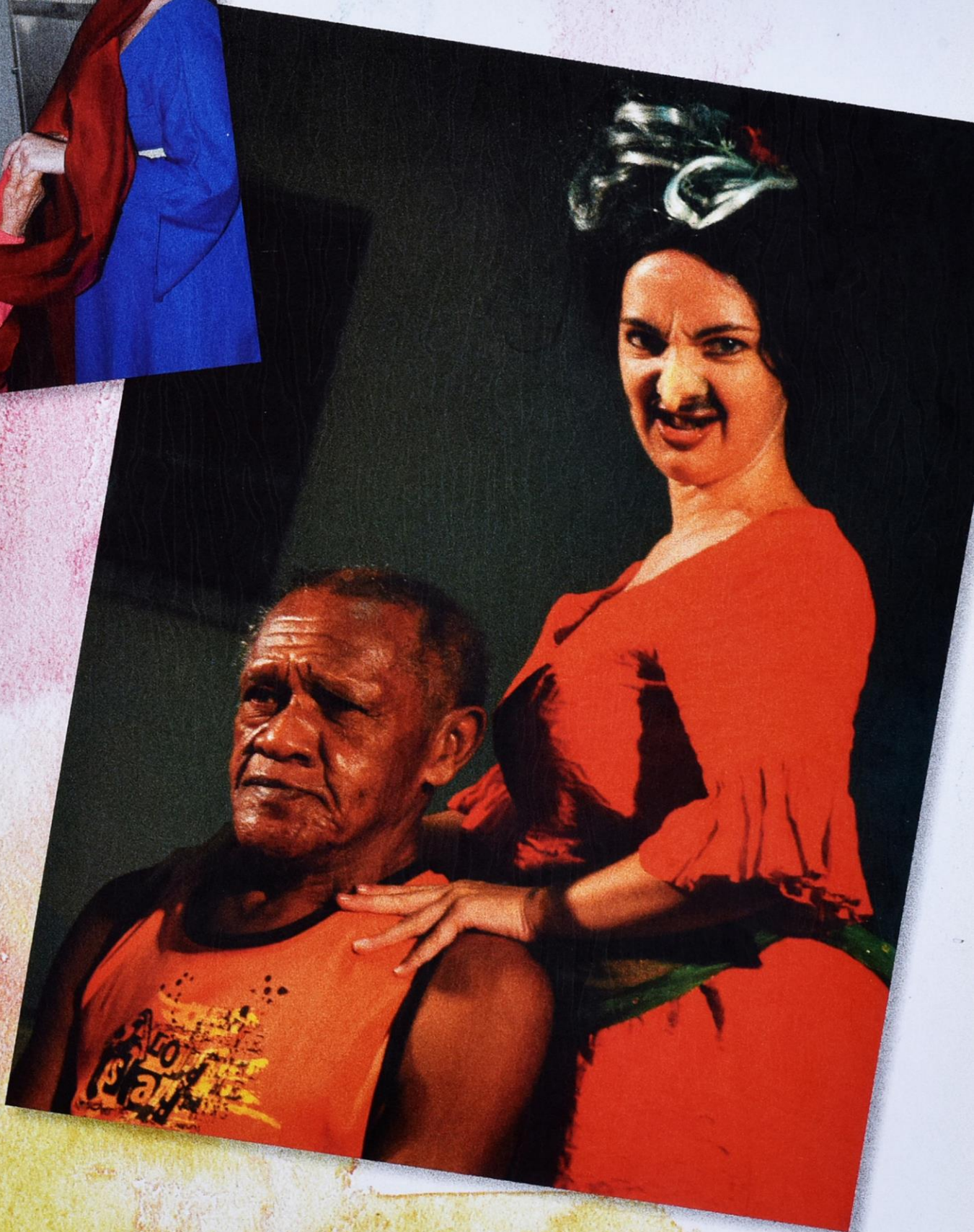
# D. Cacilda

é uma das vovós que coleciono ao longo da vida. Canta, acalenta, sorri, conta piada e mesmo em silêncio nos conforta com a doçura que transborda de seu peito.

**Luís Igreja**  
Ator e diretor













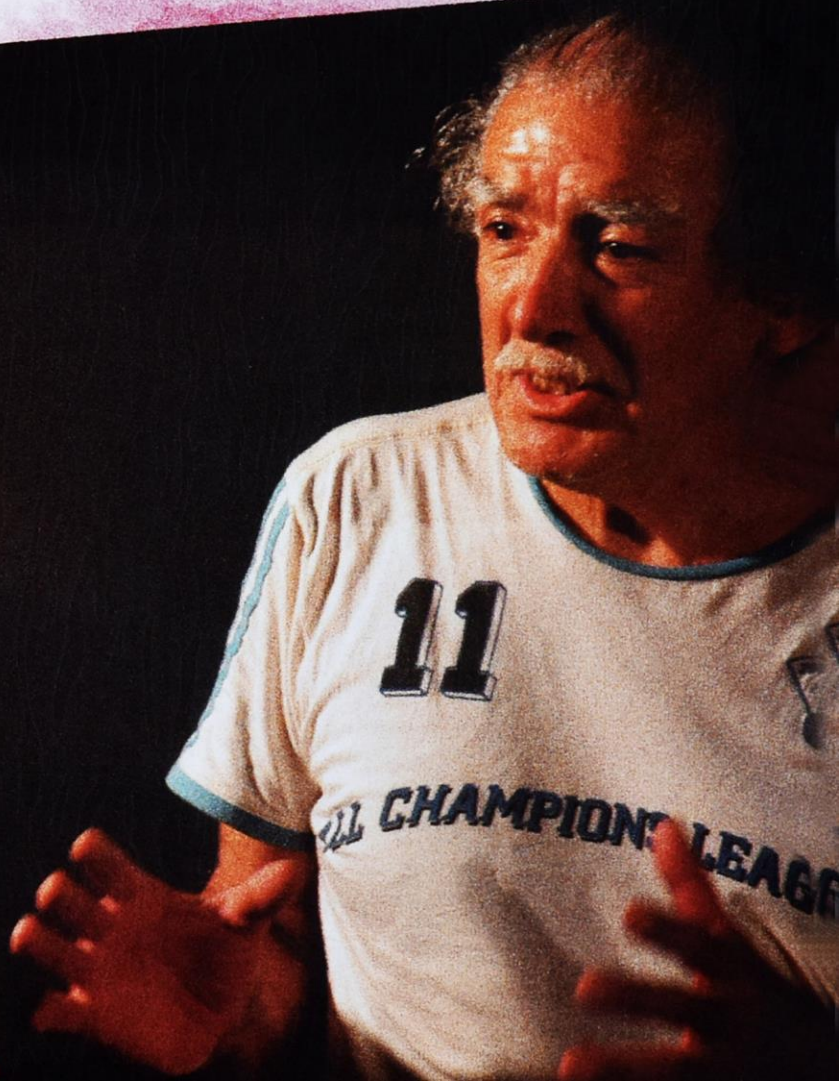
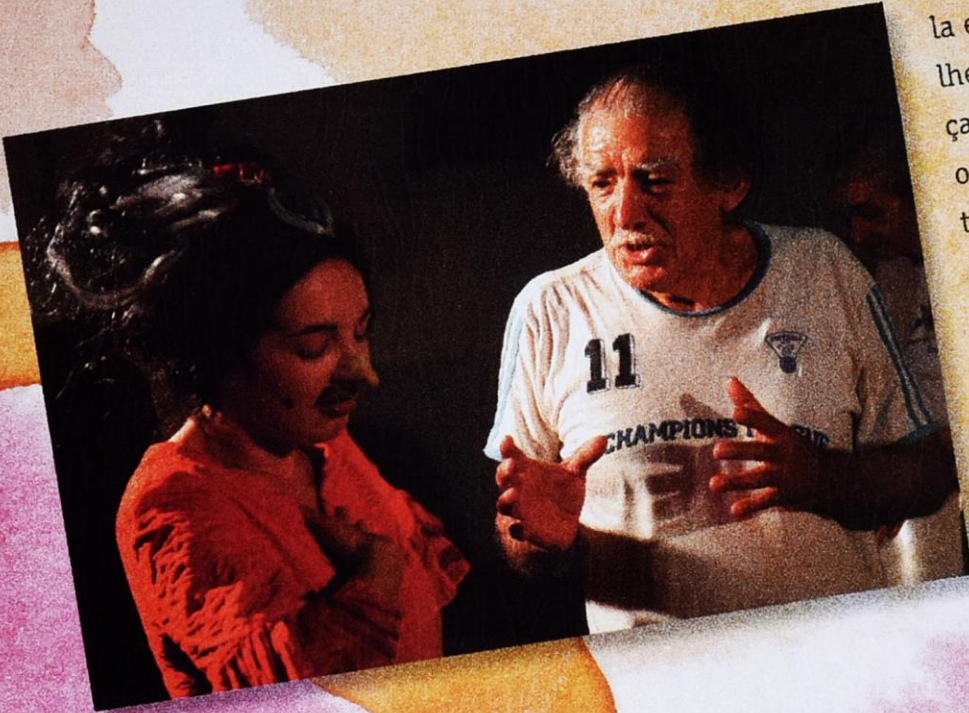
# "Sorpriendente!"

O payaso, as crianças, sejam como una fantasia multicolorida, agraciada com esse toque, digamos tanto de la mímica como de la expressividade gestulante, para dar-lhe este Universo exclusivo das crianças, que és el mundo de seus sonhos. E o payaso ativa isso, e tanto para o adulto também. Pois que essa fantasia no se perde! Por isso, num livro que está aí, há uma frase que diz 'que doce es voltar a ser criança com o payaso!'"

**'Seu' Pedro**

Residente da Casa do Alto, 2007

Ele é argentino e trabalhava como "circulante" pelas estradas e chegou ao Brasil num circo, onde fazia faxina em troca de comida e pouso.







# Seus olhinhos negros

me fitavam com cautela e curiosidade. Veio se aproximando, hesitante... Parecia mais querer fugir do que vir!

- Você é palhaço...?

- Sou...

- Você é bonzinho...?

- Sou...

- Você estava brincando?

- Estava! Isso é uma fantasia...!

- Fantasia...?

- É! Isso no meu rosto é tinta, ó..!

- (ela passa o dedo) ...?

- Agora eu vou pra minha casa.

- Pra sua casa..?

- É, eu tô cansado, vou dormir!

Olhou diretamente nos meus olhos, deu um largo sorriso e correu a misturar-se aos amigos.

**Ademir de Souza**  
Ator











Seu José estava ali em sua cama, quieto e distante, assim como seu companheiro de quarto. Entrei, ainda sem saber o que fazer, mas respeitando aquele silêncio.

# De repente, um pum.

É, um punzinho. Nossos olhares se cruzaram e da cumplicidade nasceu o sorriso. Como são fechados e desconfiados quando esquecidos pela vida. E como são dóceis e mesmo inocentes quando tocados.

**Luís Igreja**  
Diretor e ator







## revolução na enfermária:

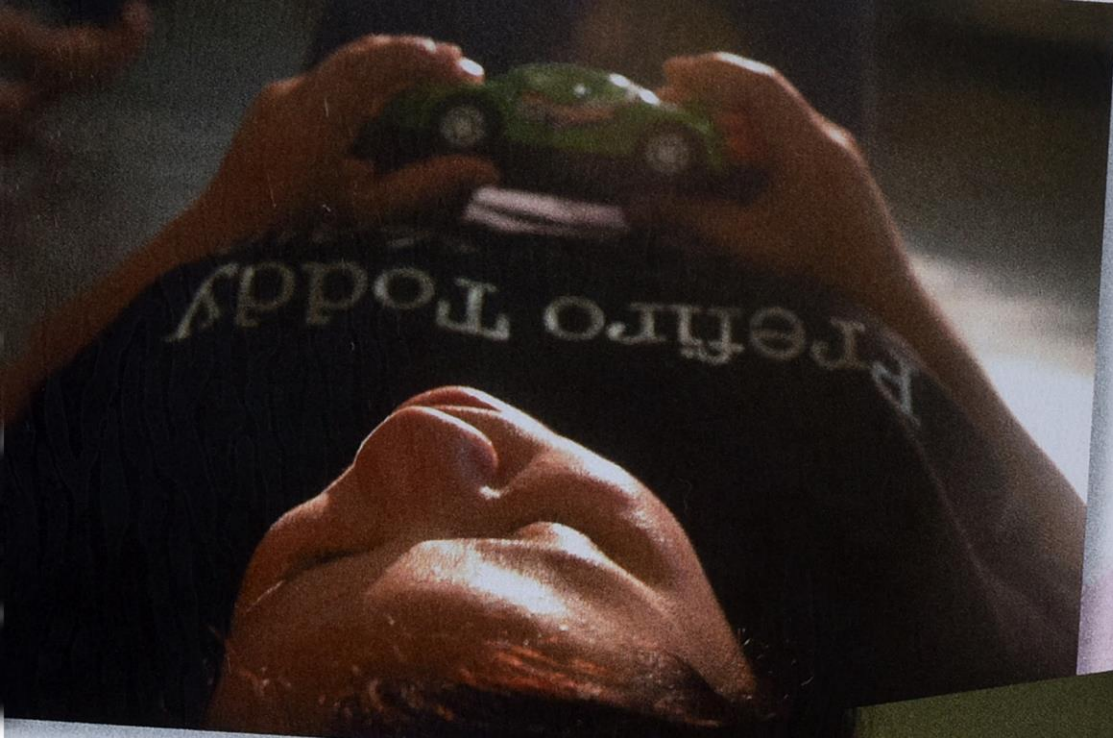
Foi preciso uma macas mudando de lugar, arreda pra cá, vai pra lá, abre espaço ali. Ficamos num cantinho assim, meio diagonal, meio apertadinhos. E tinha gente com dor, gente que ia operar, gente que tinha sido operado e estava se recuperando, gente que não queria saber de riso. Que fazer? Botar o nariz e fazer! Quatro palhaços enrolados em toalhas pelos corredores do hospital, sensibilidade, aproximação, olho no olho, um bom tanto de cara de pau. Risos. Foi uma das platéias mais calorosas que tivemos. Riu-se muito, até chorar! Naquela tarde eles aceitaram nosso pacto de palhaços. Ao fim da tarde cada olhar havia mudado, inclusive os nossos. D. Elza foi para cirurgia, sua filha ficou esperando tranquila e sorridente. Jéssica, tão triste por andar com dificuldades, recebeu alta e voltou para casa mais segura de que ficaria bem. Ninguém lembrava da dor.

**Ana Carina**  
Atriz e produtora









# "Há um pacto

entre eles ali, de afetividade que só quem participou pode entender o choro do outro. Eu não consigo em palavras, saber o que é. Mas você sente nitidamente um pacto, como se tivessem recebido uma tatuagem. Todo mundo foi tatuado com alguma coisa que tocou a eles."

**Marlise Ferreira de Souza,**  
Diretora do Abrigo Cristo Redentor, 2007.







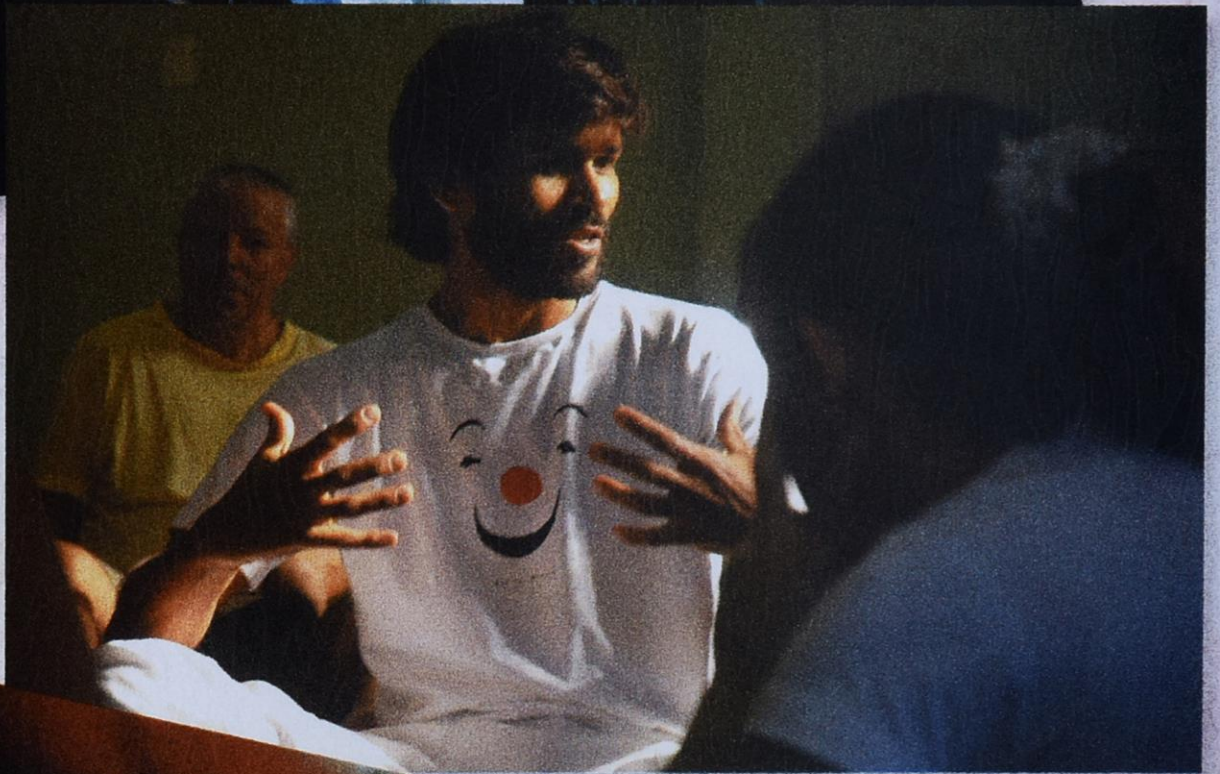
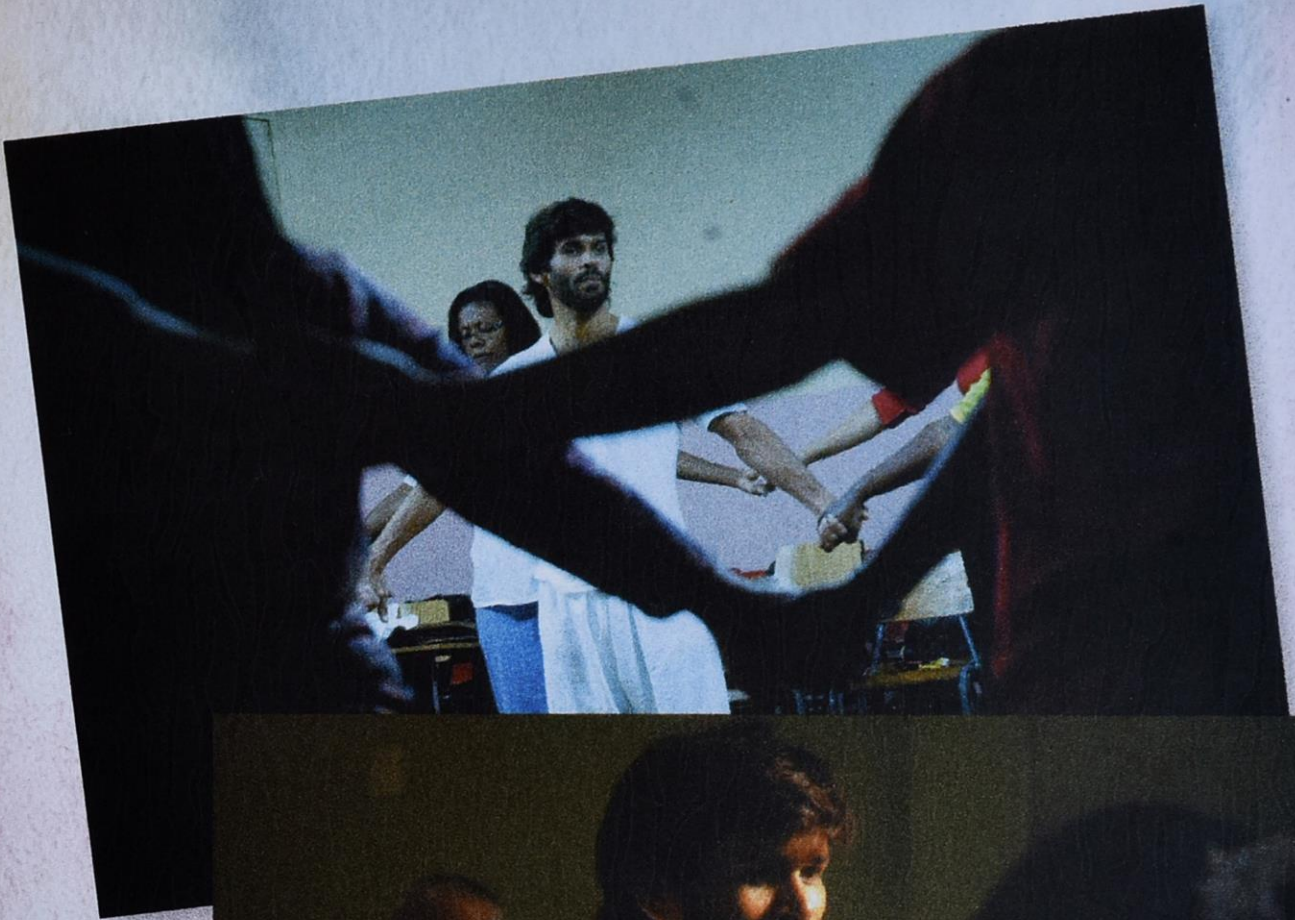


As oficinas são a **construção coletiva** de um espaço único, onde cada um pode se expressar de maneira livre e autêntica. Uma quebra no padrão das relações estabelecidas pelos códigos e condutas que regem os espaços de trabalho. Em outras palavras: as pessoas deixam de ser os cargos que ocupam, e podem ser elas mesmas. Nesse processo há brincadeira, choro, riso, desafios, confiança. É o primeiro passo para a transformação do olhar cotidiano. E essa mudança é uma via de mão dupla: os encontros dentro do Rir é Viver sensibilizaram ainda mais meu olhar como artista e diretor na relação com os atores.

Luís Igreja  
Diretor e oficinairo







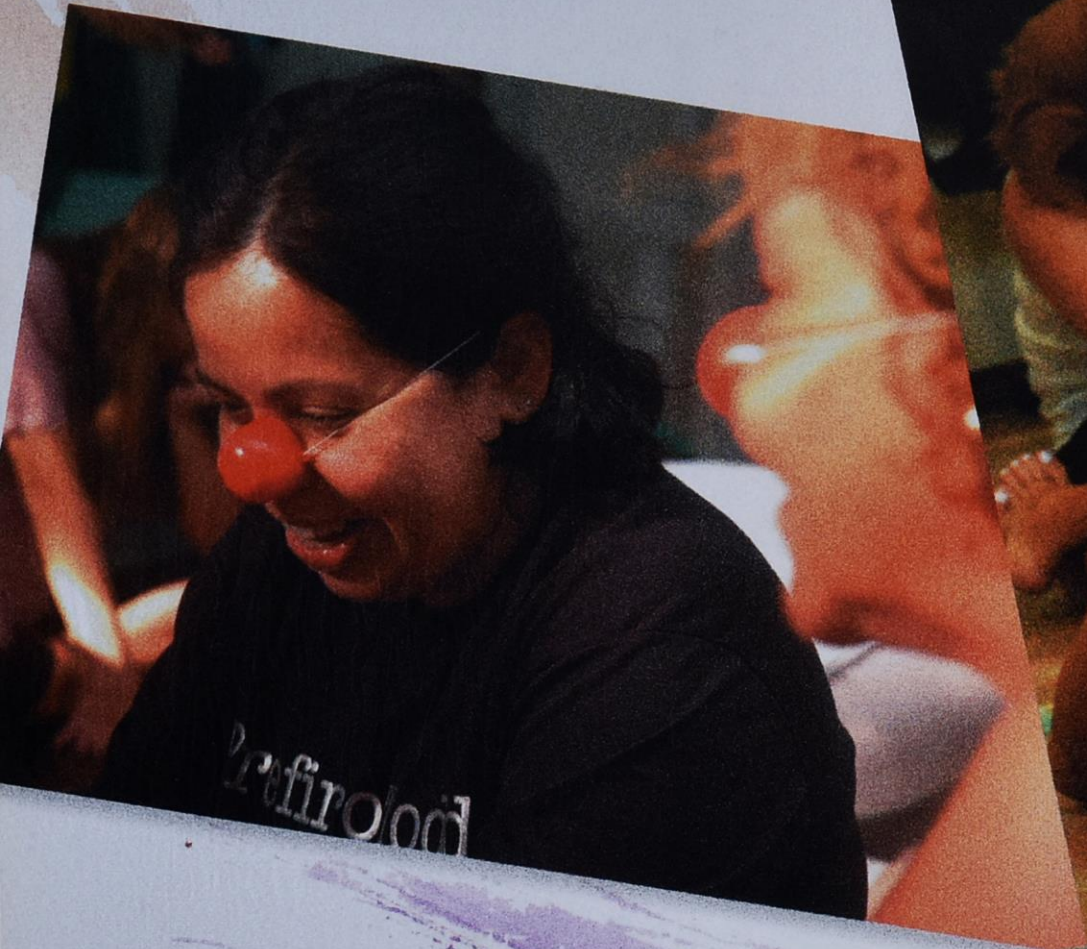






















Segurando suas mãos enrugadas, me despedi:

- A gente volta daqui a um ano.

- Mas um ano é

# muuito tempo...

E eu entendi o tamanho do tempo. Calei.

**Patrícia Ubeda**

Atriz





Era dia de Maria Eugênia. Passeávamos, eu e Ademir (Tróty e Furingo), pelos corredores de um dos pavilhões femininos do Cristo Redentor. As idosas sorriam, brincavam, esperavam que os palhaços entrassem em seus quartos. Mas no cantinho de um quarto uma senhorinha muito mal humorada não permitiu nossa aproximação. "Vão embora, não quero palhaço aqui não!", despejava zangada. Mas palhaço gosta de um desafio! Devagarinho nos aproximávamos com medo da cara de brava dela. Ousamos cumprimentá-la com um aperto de mão. Primeiro um e depois o outro e assim demos infinitos apertos de mão em carrossel até ela esboçar um sorriso. E quanto mais repetíamos a gag, mais ela ria. Na despedida, exclamou:

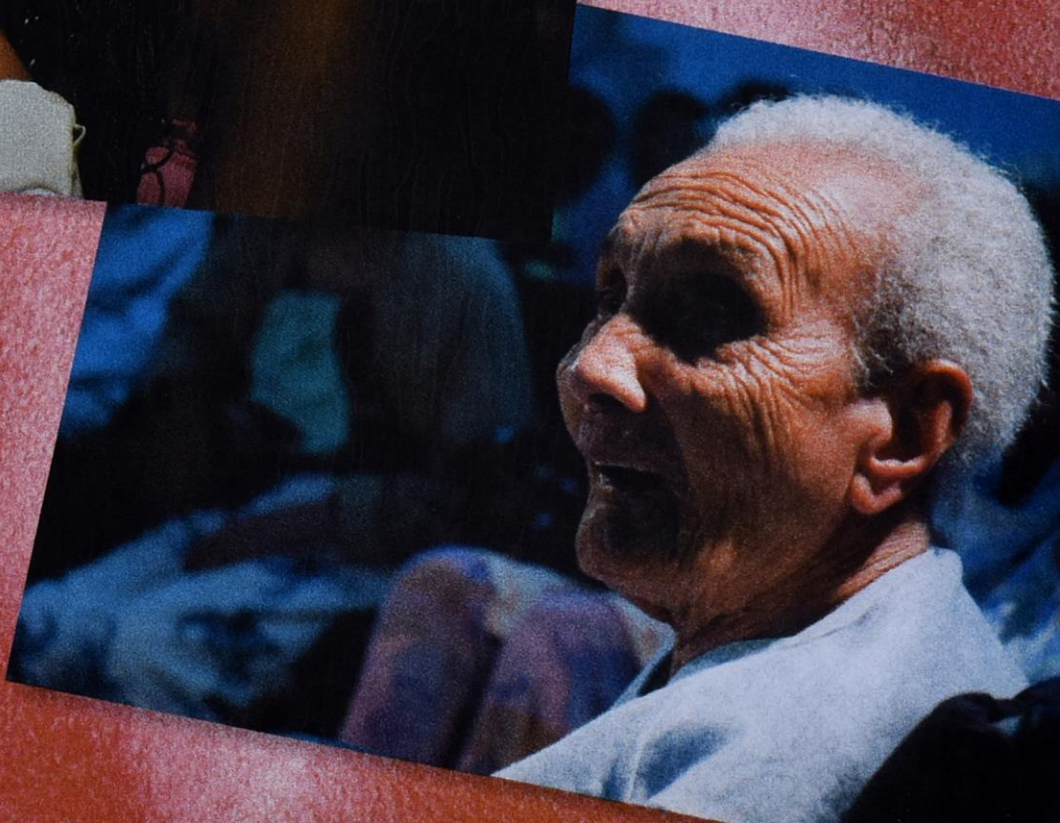


"mas já vão embora!?"

Tania Gollnick  
Atriz





























# Índice de imagens

- 6 e 7 Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2007 26  
Por Celso Pereira de cima:
- 8 e 9 Abrigo Cristo Redentor, 2009  
Por Celso Pereira Centro de Acolhimento Stella Maris, 2009  
Por Celso Pereira
- 10 e 11 Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia  
(INTO), 2008 27  
Por Bruno Poppe Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2007  
Por Celso Pereira
- 12 e 13 Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2009 28  
Por Bruno Poppe Abrigo Cristo Redentor, 2007  
Por Bruno Poppe
- 14 e 15 da esquerda: 29  
de cima:
- Amparo Thereza Christina, 2009  
Por Celso Pereira
- Centro de Acolhimento Casa do Catete, 2008  
Por Celso Pereira
- Centro de Acolhimento Stella Maris, 2009  
Por Bruno Poppe
- 16 Centro de Acolhimento Stella Maris, 2009 30  
Por Bruno Poppe de cima:
- 17 Casa de Passagem Raul Seixas, 2008  
Por Bruno Poppe Abrigo Cristo Redentor, 2007  
Por Celso Pereira
- 18 e 19 da esquerda: 31  
Abrigo Cristo Redentor, 2009  
Por Celso Pereira
- Centro de Acolhimento Stella Maris, 2009  
Por Celso Pereira Hospital Raphael de Paula Souza, 2007  
Por Celso Pereira
- Amparo Thereza Christina, 2009  
Por Bruno Poppe 32 e 33 da esquerda, de cima:
- Amparo Thereza Christina, 2009  
Por Bruno Poppe Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2009  
Por Bruno Poppe
- Amparo Thereza Christina, 2009  
Por Bruno Poppe Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2009  
Por Celso Pereira
- 20 e 21 Centro de Acolhimento Stella Maris, 2009  
Por Celso Pereira Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2009  
Por Bruno Poppe
- 22 e 23 Hospital Raphael de Paula Souza (Curicica),  
2007 34 e 35 da esquerda:
- Por Celso Pereira Centro de Acolhimento Stella Maris, 2009  
Por Bruno Poppe
- 24 e 25 da esquerda: 36 e 37 de cima e da esquerda:
- Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2009  
Por Bruno Poppe
- Abrigo Cristo Redentor, 2009  
Por Celso Pereira Amparo Thereza Christina, 2009  
Por Celso Pereira



	Amparo Thereza Christina, 2009 Por Celso Pereira	53	de cima:
	Casa de Passagem Raul Seixas, 2008 Por Celso Pereira		Centro de Acolhimento Stella Maris, 2009 Por Bruno Poppe
38 e 39	Amparo Thereza Christina, 2009 Por Bruno Poppe		Centro de Acolhimento Casa do Catete, 2008 Por Bruno Poppe
40	Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Celso Pereira	54	da esquerda:
41	Instituto Nacional de Traumatologia, 2008 Por Bruno Poppe		Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Celso Pereira
42	Hospital Raphael de Paula Souza (Curicica), 2007 Por Celso Pereira		Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Bruno Poppe
43	Abrigo Cristo Redentor, 2009 Por Celso Pereira	55	Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Celso Pereira
44	Amparo Thereza Christina, 2009 Por Celso Pereira	56 e 57	Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia, 2008 Por Bruno Poppe
45	Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2007 Por Celso Pereira	58 e 59	de cima e da esquerda:
46 e 47	pequenas:		Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Bruno Poppe
	Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Celso Pereira		Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Bruno Poppe
	grande:		Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Bruno Poppe
	Abrigo Cristo Redentor, 2009 Por Celso Pereira	60	de cima:
48	Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Celso Pereira		Casa de Passagem Raul Seixas, 2008 Por Bruno Poppe
49	da esquerda:		Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Celso Pereira
	Amparo Tereza Cristina, 2009 Por Bruno Poppe	61	de cima:
	Centro de Acolhimento Floriano Lemos (casa do Alto), 2008 Por Celso Pereira		Centro de Acolhimento Stella Maris, 2009 Por Bruno Poppe
50	Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (INTO), 2008 Por Bruno Poppe		Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Bruno Poppe
51	Centro de Acolhimento Floriano Lemos (Casa do Alto), 2008 Por Celso Pereira		Abrigo Cristo Redentor, 2007 Por Celso Pereira
52	Centro de Acolhimento Stella Maris, 2009 Por Celso Pereira	62	Amparo Thereza Christina, 2009 Por Bruno Poppe



- 63 de cima:  
Abrigo Cristo Redentor, 2007  
Por Celso Pereira
- Centro de Acolhimento Ayrton Senna, 2007  
Por Bruno Poppe
- 64 de cima:  
Abrigo Cristo Redentor, 2007  
Por Bruno Poppe
- Hospital Raphael de Paula Souza, 2007  
Por Celso Pereira
- Centro de Acolhimento Ayrton Senna, 2007  
Por Bruno Poppe
- 65 Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia,  
2008  
Por Celso Pereira
- 66 e 67 da esquerda:  
Amparo Thereza Christina, 2009  
Por Celso Pereira
- Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2007  
Por Bruno Poppe
- 68 da esquerda:  
Amparo Thereza Christina, 2009  
Por Bruno Poppe
- Abrigo Cristo Redentor, 2007  
Por Bruno Poppe
- 69 de cima:  
Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2009  
Por Celso Pereira
- Centro de Acolhimento Stella Maris, 2009  
Por Bruno Poppe
- Amparo Thereza Christina, 2009  
Por Celso Pereira
- 70 no sentido horário:  
Abrigo Cristo Redentor, 2007  
Por Bruno Poppe
- Abrigo Cristo Redentor, 2009  
Por Celso Pereira
- Abrigo Cristo Redentor, 2007  
Por Bruno Poppe
- 71 Abrigo Cristo Redentor, 2007  
Por Celso Pereira
- 72 e 73 de cima:  
Centro de Acolhimento Floriano Lemos (Casa do  
Alto), 2008  
Por Bruno Poppe
- Centro de Acolhimento Maria Teresa Vieira, 2009  
Por Bruno Poppe
- 79 de cima:  
Amparo Thereza Christina, 2009  
Por Celso Pereira
- Amparo Thereza Christina, 2009  
Por Celso Pereira











Realização

COMPANHIA  
DO GESTO 

Patrocínio

OPPORTUNITY

Coprodução

**ZUCCA**  
PRODUÇÕES

Parceiros



**7SECO**  
FILMES



Instituições Parceiras



SECRETARIA DE  
ASSISTÊNCIA SOCIAL  
E DIREITOS HUMANOS



**HOSPITAL  
RAPHAEL  
DE PAULA  
SOUZA**





O palhaço traz alegria. Seu olhar ingênuo, transgressivo, mordaz, desvenda a verdade e pinta em cores vivas as paredes nuas, cinzentas e tristes dos abrigos. Mas o riso traz mais que alegria: traz de volta o sujeito em cada um de nós. Resgata nossa consciência de sermos.

Alguém tenta me devolver minha alegria roubada. Num abrigo ou numa repartição, numa fila ou num hospital. Olha no meu olho, dialoga comigo, me faz sorrir. Riso, logo existo. Existo, sou um sujeito. Sujeito de minha própria vida, tenho direitos. Direitos para com meu corpo, deveres para com minha existência, um papel a cumprir na coletividade. Sou gente, sou alguém – e sorrio.

As imagens deste livro falam por si, em sua beleza e delicadeza. A idéia aqui retratada prescinde de texto na sua grandeza humana, na sua capacidade profunda e radical de inclusão e solidariedade. Mostram pessoas de ambos os lados de uma equação cujo resultado é alegria, saúde, e vida.

**Daniel Becker**

*Daniel Becker é pediatra. Mestre em Saúde Pública pela ENSP/FIOCRUZ. Depois de trabalhar por três anos na França e um ano com Médicos sem Fronteiras na Ásia, voltou ao Brasil e fundou o Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS). É colaborador de várias organizações nacionais e internacionais em áreas como Saúde da Criança, Equidade, Saúde Urbana e Sustentabilidade.*



Rir é Viver é um projeto mantido pela Companhia do Gesto (RJ) desde 2007 que leva a abrigos, hospitais e instituições de atendimento a crianças, idosos e população de rua um mês de "ocupação" artística dos espaços onde moram ou são atendidos.

A idéia é quebrar a rotina nos espaços de convivência conjunta, e renovar os ares e os olhares em cada um desses lugares, através de espetáculos teatrais e oficinas de sensibilização da convivência voltadas para os funcionários.

Neste catálogo dividimos um pouco dos momentos vividos pelos artistas e equipe do projeto nas 12 instituições pelas quais passamos. Através do registro sensível dos fotógrafos Bruno Poppe e Celso Pereira, nos deparamos em cada página com uma cidade invisível, onde a transformação pelo humano é desejável, necessária e possível, graças ao riso.

Companhia do Gesto

